

## AS MULHERES NA PESQUISA O LAZER DO BRASILEIRO

Cláudia Regina Bonalume<sup>1</sup>

Hélder Ferreira Isayama<sup>2</sup>

Belo Horizonte, MG, Brasil

**RESUMO:** Este estudo é parte do projeto de pesquisa *O Lazer do Brasileiro* e procura identificar e analisar de forma ampla como as mulheres brasileiras conceituam lazer, como utilizam seu tempo livre, como anseiam fazê-lo e quais os obstáculos encontrados para tal. As variáveis consideradas foram faixa etária, escolaridade, raça/cor, estado civil e classe social. Realizamos uma análise qualitativa dos dados quantitativos coletados, para tal optamos pela descrição e análise dos resultados, busca de possíveis comparações com outras pesquisas e vinculações teóricas. Os dados nos permitem observar que o grande envolvimento da mulher com o trabalho, em especial o não remunerado, relacionado ao ambiente doméstico e aos cuidados, reduz significativamente o tempo livre para si própria. Além disso, e talvez por consequência, percebemos entre outras coisas, a existência de uma grande disparidade entre o que as mulheres gostariam de vivenciar no seu tempo livre e o que de fato conseguem.

**Palavras-chave:** Atividades de lazer. Direitos da mulher. Tempo.

### WOMEN IN RESEARCH - BRAZILIAN LEISURE

**ABSTRACT:** This study is part of the research project *Brazilian Leisure* and it intends to identify and analyze how Brazilian women define leisure, how they spend/wish to spend their free time, and what barriers keep them from accomplishing it. Considering age group, formal education, race/color, marital status, and social class, a qualitative analysis of the quantitative data was completed. To achieve this, a description and analysis of the results was used to search for other researches and theoretical linkages that could be used for comparison. The data shows that women's free time is significantly reduced when they are the only person responsible for the household errands. In addition, and perhaps consequently, there is a large disparity between what women want to perform in their free time and what they actually accomplish.

**Keywords:** Leisure activities. Women's rights. Time-management.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. Email: cbonalum@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. Email: helderisayama@yahoo.com.br

## LAS MUJERES EN LA INVESTIGACIÓN “EL OCIO DEL BRASILEÑO”

**RESUMEN:** El presente estudio es parte del proyecto de investigación El Ocio del Brasileño que busca identificar y analizar de forma amplia, como las mujeres brasileñas conceptualizan el ocio, utilizan su tiempo libre, ansían su práctica y cuáles son los obstáculos para llevarlo a cabo. Las variables consideradas fueron, la edad, escolaridad, raza/color, estado civil y clase social. Realizamos un análisis cualitativo de los datos cuantitativos recolectados, para ello, optamos por la descripción y análisis de los resultados, búsqueda de posibles comparaciones con otras investigaciones y vínculos teóricos. Los datos nos permiten observar, que la gran participación de la mujer en el trabajo, en especial el no remunerado relacionado al trabajo doméstico y cuidados, reduce significativamente el tiempo libre para sí misma. De igual forma, y tal vez por consecuencia, percibimos entre otras cosas, la existencia de una gran discrepancia entre lo que a las mujeres les gustaría vivir en su tiempo libre y lo que realmente consiguen hacer.

**Palabras-clave:** Actividades de ocio. Derechos de la mujer. Tiempo.

### Introdução

A pesquisa *O Lazer do Brasileiro* começou a ser gestada em 2009, fruto da necessidade sentida pela gestão da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer - SNDEL<sup>3</sup>, do Ministério do Esporte, e de pesquisadores e estudiosos da área, de dispor de dados e informações acerca dos hábitos, interesses, vivências e barreiras relacionados ao lazer da população brasileira, com vistas a orientar as políticas públicas e suscitar novos estudos<sup>4</sup>.

A busca por pesquisas que mostrassem estas informações levou a trabalhos significativos, mas que se restringiam a determinadas cidades do país, a um interesse cultural específico<sup>5</sup>, ou a um único segmento da população. As pesquisas oficiais, a exemplo da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, do IBGE, traziam poucos elementos que permitissem uma leitura pormenorizada do lazer da população brasileira. A SNDEL optou, então, por demandar junto à academia a realização de um levantamento específico, efetivado via termo de execução descentralizada com a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. O que perguntar, para quem, onde e como, com vistas a contemplar a diversidade regional, as relações que dialogam com o

<sup>3</sup> Em 2011 a estrutura do Ministério do Esporte foi reconfigurada, criando-se a Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Inclusão Social e Lazer (SNELIS), que unificou a Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte Educacional e a Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer.

<sup>4</sup> A afirmação é fruto da experiência pessoal da autora Cláudia Regina Bonalume, uma vez que à época atuava como Diretora do Departamento de Políticas Sociais da referida Secretaria.

<sup>5</sup> A classificação de interesses culturais utilizada na pesquisa foi: I - a elaborada por Dumazedier (1979), que elenca cinco campos: físico-esportivos; sociais; artísticos; manuais; e intelectuais; II - o acréscimo a estes feito por Camargo (1986), dos interesses turísticos; III - o ócio como sétima possibilidade de lazer, incluído pelos/as organizadores/as da pesquisa. Esses campos são intimamente relacionados, sua diferenciação é didática e permite perceber a diversidade cultural que engloba o lazer.

lazer, os segmentos transversais como mulheres, pessoas com deficiência, público LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), foram construídos por profissionais e pesquisadores da área.

Ao apresentar dados dessa amostra diversa e ampla, esta obra contribui para (re)pensar e elaborar novas pesquisas e intervenções de ordem pedagógica e política com base em elementos essenciais como: o perfil de quem busca a vivência do lazer, como se dá a relação com o trabalho e as demais obrigações sociais, familiares, religiosas e políticas, qual a importância dos espaços e equipamentos nessas vivências de lazer e quais as barreiras enfrentadas pelas pessoas para a concretização do lazer (SILVA, 2017, p.2).

Os resultados do levantamento vêm fomentando estudos e análises acadêmicas diversas como a de Uvinha *et al.* (2017) e Stoppa & Isayama (2017), que contribuirão para um melhor entendimento acerca do tema. Nas duas obras mencionadas, diversas relações foram analisadas como sexo, estado civil, escolaridade, renda, classe social, cor/raça, trabalho, obrigações, espaços, tempo, pessoas com deficiência e cartografia. No caso deste texto, o recorte com aprofundamento na questão das relações das mulheres com o lazer deveu-se à importância de um olhar específico a este segmento e ao fato deste ser parte do objeto do estudo que vem sendo desenvolvido no doutorado em Estudos do Lazer da UFMG.

Entre as análises dos dados da pesquisa já realizadas, Silva, Moreno e Veraldo (2017) atentaram para os resultados referentes às obrigações espontâneas de homens e mulheres que exerciam trabalho remunerado.

Na faixa etária de 25 a 34 anos, os homens respondentes apontaram 98,90% de suas obrigações configurando-se como trabalho, seguidos de 28,90% de famílias e filhos e 27,60% de afazeres domésticos. Já as mulheres dessa mesma faixa etária responderam 94,30% para trabalho, percentual seguido de 70,70% para afazeres domésticos e 52,30% de famílias e filhos (p.56).

Os autores identificaram ainda que, no total, 93,4% das mulheres que estão no mercado de trabalho colocaram “trabalho” como principal obrigação, seguido dos afazeres domésticos obrigatórios para 85,4% das mulheres e do cuidado com a família e com os filhos, também dever para 57,7% delas. Chamamos atenção para este dado por ser um indicativo de que, apesar de todos os avanços alcançados nas discussões relacionadas a entrada da mulher no mercado de trabalho, a consequente necessidade de uma maior divisão de tarefas no ambiente doméstico e cuidado com os filhos não parece ser uma realidade.

Perista (2002) identificou resultados semelhantes em uma análise acerca de dados de um levantamento em Portugal: “se os rapazes e homens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos dedicam, em média, apenas 22 minutos, em

cada dia, à prestação de cuidados físicos e vigilância de crianças, as raparigas e mulheres do mesmo grupo etário despendem 1h42m neste tipo de tarefa” (PERISTA, 2002, p.462). Ou seja, as gerações mais jovens, seguem mantendo os padrões formados quando os papéis sociais de homens e mulheres eram diferentes.

A produção do conhecimento acerca do lazer também esbarra em questões como esta, a exemplo de Dumazedier (1973) que, ao propor a divisão do dia em “três oitos” (oito horas de trabalho, oito horas de sono e oito horas de lazer), não contempla as tarefas domésticas e os cuidados que ocupam parte do tempo das obrigações, especialmente das mulheres.

Bahia e Brito (2017) perceberam que a pesquisa *O Lazer do Brasileiro* traz o dado que demonstra que 58,5% dos entrevistados destacaram como “outras atividades” consideradas por eles lazer, afazeres domésticos, ajudar nos deveres, cuidar dos parentes, fazer compras, lavar o carro, navegar na internet, resolver problemas pessoais e realizar trabalhos sociais. Esse pode ser um indicativo de que as pessoas não têm clareza em relação ao entendimento de que o lazer seja um tempo de vivência descompromissada de obrigações ou, “que seu tempo de lazer se torna cada vez mais diminuído e ‘estrangulado’ diante das demandas de obrigações a serem realizadas na sociedade moderna, fazendo com que não haja muita alternativa senão atender a tais demandas no tempo dito ‘livre’” (BAHIA e BRITO, 2017, p.100).

Perista (2002) também chama atenção para o fato de que a obrigação relacionada aos cuidados tende a ser confundida com o lazer enquanto vivência social. Nesse contexto, Magnani (2003) trata da baixa ressonância social do lazer, ao afirmar que muitas pessoas (supomos que as mulheres em especial) não veem o uso do tempo livre como uma possibilidade de usufruto deste como tempo de lazer ou não priorizam isso. Neste estudo partimos do pressuposto de que, se temos assistido no Brasil a uma progressiva e rápida aproximação dos padrões de participação de mulheres e homens no mercado de trabalho, o mesmo não se pode dizer, em termos equivalentes, da participação dos homens no trabalho doméstico, na prestação de cuidados e no consequente tempo para o lazer.

Thompson (1998) afirma que o lazer só existe se pensado nas relações que estabelece com outras dimensões, as quais podem ser concretas, como o trabalho e a educação, ou simbólicas, como as representações que se processam no tempo, acopladas a determinadas formas de se viver em um dado contexto, historicamente convencionadas pelos costumes e ideais disputados e negociados na arena conflitiva de interesses denominados cultura.

Optamos, então, por realizar análises de dados focando o olhar nas mulheres em algumas relações que puderam ser estabelecidas com os resultados do levantamento. Neste sentido, nosso objetivo é analisar o modo como a diferente disponibilidade e ocupação do tempo livre das mulheres, em especial pelo trabalho não remunerado (tarefas domésticas e de prestação de cuidados), induz a diferenças na fruição do lazer

entre as próprias mulheres, a depender de variáveis como idade, estado civil, escolaridade, classe social e raça.

## Métodos

A pesquisa *O lazer do brasileiro* foi realizada entre 2012 e 2014, utilizando-se de entrevistas individuais face a face, com 2.400 pessoas, a partir dos 7 anos de idade, residentes nos 26 estados da Federação e no Distrito Federal, contemplando cidades de pequeno e grande porte e moradores das zonas rurais e urbanas. A distribuição por sexo considerou as proporções em cada estado, desta forma o percentual total de mulheres foi de 50,63%, com 1.215 respondentes e o de homens de 49,38%, com 1.185 entrevistados. A amostra foi construída por cotas representativas da população, considerando as variáveis de região e unidade da federação prevendo em cada estado cotas de sexo, idade, escolaridade e renda familiar, conforme dados da população apurados no Censo Demográfico 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG e realizado por meio de entrevistas que tiveram como foco as seguintes indagações: o que é lazer para os/as brasileiros/as; o que fazem por obrigação; o que fazem com/no tempo livre; o que gostariam de fazer; e quais os motivos que impedem as vivências desejadas. Feita a coleta e validação, os dados foram tabulados por profissionais da área de estatística, contratados pelo projeto, e inseridos em uma base de dados desenvolvida especificamente para a pesquisa.

No estudo utilizamos os dados quantitativos coletados para a realização de uma análise qualitativa, comparativa e descritiva dos resultados que envolvem especialmente as mulheres, com as variáveis faixa etária, estado civil, escolaridade, classe social e raça/cor. Em relação a cada uma destas variáveis foram analisadas as respostas acerca do conceito de lazer, ao que faz no tempo livre, no final de semana e nas férias, ao que gostaria de fazer no tempo livre e nas férias e aos motivos que as impedem de fazê-lo.

## Resultados e discussão

Procurando situar o lazer no contexto dos direitos sociais, destacamos Russell (2009) que aborda a complexidade do conceito de lazer afirmando que o mesmo tem significados diferentes a depender da época, das pessoas e dos lugares a que se refere, o que impede a demarcação de limites claros. Apesar disso, podemos afirmar que os estudos acadêmicos categoriza o lazer em três grupos: o lazer como sinônimo de tempo livre, o lazer como atividade que se diferencia do trabalho e o lazer como um estado de espírito. Cada uma destas categorias encontra aproximações e questionamentos, por isso é preciso que se tenha presente que não é possível tratá-lo como um aspecto isolado da vida das pessoas, uma vez que sempre sofre influências, a depender do

contexto em que está e é analisado, como no caso que nos propomos aqui na questão sexo/gênero.

Lazer é um tema muito amplo que é influenciado por vários fatores como sexo, gênero, sexualidade, raça, etnia, cultura, localização geográfica, status social, habilidades físicas, entre muitos outros aspectos e circunstâncias que definem e determinam a realidade de cada um de nós. Não é possível tentar definir lazer sem considerar “lazer para quem” (BARBOSA, LIECHTY e PEDERCINI, 2013, p. 16)

Apesar desta amplitude e do potencial para contribuir com vivências que oportunizem prazer, aprendizagens, socialização, bem-estar, saúde e outros ganhos, percebemos que, muitas vezes, o lazer fica relegado a um segundo plano. Marcellino (2008) afirma que o lazer é valorizado pela população, ainda que isso não seja verbalizado, por uma série de motivos. O autor aponta que quando se convive com as pessoas, é possível perceber a necessidade dos valores do lazer em suas vidas.

Sampaio (2006) indica o ritmo do trabalho e das obrigações sociais, movidos por um sistema econômico excludente e competitivo, como fatores que podem levar à pouca valorização do lazer. Neste sistema, a obrigação é vista como necessidade moral, dever, encargo e precisa estar em primeiro lugar na agenda das pessoas. Compreender as diversas obrigações que compõem o cotidiano permite perceber como se organiza a divisão entre elas e a ocupação do tempo, para pensarmos no lazer, que geralmente se situa no que “resta” dele.

Abordando a questão do tempo, Perista (2002) afirma que ele é resultado de uma construção social estabelecida por e, ao mesmo tempo, constitutiva de relações sociais. Expressa um modo de representar e pensar a organização social, por isso não é neutro, carrega consigo formas de quantificar, qualificar e atribuir valores às atividades humanas. Entre estas atividades a autora analisa o trabalho, como um dos domínios da atividade humana, em duas formas: trabalho remunerado em contexto profissional e o não remunerado no contexto dos afazeres domésticos.

Em nossa sociedade costuma-se definir cinco grandes categorias para o uso do tempo: tempo de trabalho de mercado, tempo de trabalho de cuidados, tempo de necessidades pessoais, tempo de participação cidadã e tempo livre ou tempo de ócio (descanso e lazer). Cada um desses tipos de tempo apresenta algumas características próprias que lhes conferem diferentes graus de flexibilidade, possibilidade de substituição ou necessidade (CARRASCO, 2012, p. 105).

Para quem está no mercado de trabalho é este tempo que determina os demais. Crescem os discursos sobre a flexibilização do tempo de trabalho, mas é preciso atentar para o fato de que o grau de flexibilidade quase sempre é definido pelo/a empregador/a, visando as necessidades destes e não as dos/as trabalhadores/as. O chamado tempo livre ou de ócio, mesmo representando um aspecto importante na vida das pessoas, é utilizado como variável de ajuste dos outros, se um deles precisa ser aumentado o tempo

de lazer, por ser considerado residual sem valor no mercado, é diminuído. “Essa ideia de tempo próprio pode significar que o tempo em si mesmo não é um valor, já que pode acontecer de não existir liberdade ou possibilidades reais de se apropriar dele, de ocupá-lo em uma coisa que seja de interesse da pessoa” (CARRASCO, 2012, p.106).

Aproximando esta questão ao ambiente feminino, Carrasco (2012) traz à pauta a relação do tempo público/privado para chamar atenção para o fato de a realidade ser mais complexa que a simples divisão proposta pela ideologia liberal. A autora sugere que a divisão em tempo público/privado deveria ser acrescida uma terceira categoria, em especial para as mulheres, o tempo doméstico, que não é a mesma coisa que o privado, pois os elementos que o compõem não são “próprios” da pessoa, o que retira dela boa parte da possibilidade de tomar decisões. Se o tempo privado é visto como valor positivo, forma de se distanciar do mundo exterior e encontrar bem-estar em um espaço reservado, o doméstico seria um “próprio”, mas “para os outros”.

Nesse outro tipo de “privacidade”, qualquer ação pelo que é “próprio” provoca sensação de culpa e é qualificada como egoísta. Essa privacidade – feminina – não tem valor. Essa domesticidade significa renúncia: renúncia a um tempo e um espaço próprios em benefício dos outros, tempo utilizado para satisfazer as necessidades materiais e afetivas dos membros da família (CARRASCO, 2012, p. 42 - 43).

Para ilustrar a dificuldade relacionada à equação trabalho remunerado e não remunerado na vida das pessoas fomos aos dados coletados pela pesquisa *O lazer do brasileiro* e separamos a amostra em dois grupos, considerando que o trabalho é menos representativo para as pessoas de até 14 anos. Os dados da subamostra dos/as inquiridos/as com idade igual ou superior a 15 anos, representam 83% do total dos entrevistados. Destes/as 52% são mulheres e 48% homens. Neste cálculo consideramos o total de entrevistados, independente de terem respondido se exerciam trabalho remunerado ou não. Percebemos uma diferença na menção do trabalho como obrigação principal dos homens, com 75%, enquanto as mulheres o indicam em 56% dos casos. No entanto, esta diferença é maior quando somamos o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos, ficando em 87.16% na estimulada entre os homens e 148.74% entre as mulheres.

Tabela 1: O que faz por obrigação 15 anos em diante

Masculino				Feminino				O que faz como obrigação*
Espontânea		Estimulada		Espontânea		Estimulada		
Freq.	%*	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
718	74.33	729	75.46	552	53.38	580	56.09	Trabalho
177	18.32	213	22.05	184	17.79	228	22.05	Estudo/cursos
255	26.40	400	41.41	470	45.45	609	58.90	Família, filhos
336	34.78	442	45.75	805	77.85	929	89.84	Afazer domésticos
59	6.10	200	20.70	86	8.32	284	27.47	Compromissos religiosos
14	1.45	23	2.38	5	0.48	23	2.22	Trabalhos Sociais
9	0.93	29	3	10	0.97	20	1.93	Compromissos políticos/sociais
85	8.8	108	11.18	36	3.48	61	5.90	Outros

\* Saliemos que o entrevistado tinha a opção de escolher mais de uma alternativa, o que justifica a possibilidade de percentuais acima de 100%.

Fonte: banco de dados da pesquisa, elaboração dos autores.

Além destes dados, chama atenção o fato de que esta diferença é significativa na faixa de 11 a 14 anos, no que diz respeito às responsabilidades relacionadas aos afazeres domésticos. A Tabela 2 mostra que, enquanto 59.67% das meninas afirmam ter obrigações neste sentido, apenas 35.15% dos meninos o fazem, na pesquisa estimulada.

Tabela 2: O que faz por obrigação - 7 a 14 anos

Masculino				Feminino				O que faz como obrigação
Espontânea		Estimulada		Espontânea		Estimulada		
Freq.	%*	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
7	3.20	10	4.57	7	3.87	9	4.97	Trabalho
209	95.43	214	97.72	167	92.26	171	94.47	Estudo/cursos
8	3.65	12	5.48	9	4.97	10	5.52	Família, filhos
59	26.94	77	35.15	89	49.17	108	59.67	Afazer domésticos
4	1.83	25	11.42	7	3.87	31	17.13	Compromissos religiosos
13	5.94	10	4.57	9	4.97	10	5.52	Outros

\* A frequência foi calculada sobre o total de respondentes em cada categoria: 219 meninos 181 meninas, uma vez que o entrevistado tinha a opção de escolher mais de uma alternativa.

Fonte: banco de dados da pesquisa, elaboração dos autores.

Por não ser remunerado ou considerado “produtivo”, no sentido de geração de valor econômico, o trabalho relacionado à casa, aos cuidados e à família tende a não ser considerado, nem mesmo no campo das obrigações, muitas vezes, pelas próprias pessoas que os executam, como se fosse possível deixar de fazê-lo sem que isso impactasse a vida dos/as envolvidos/as.

Perista (2002) afirma que parte significativa do trabalho, em especial do trabalho das mulheres, é invisível, tanto para a sociedade, quanto para as estatísticas e para as políticas públicas. A autora analisou os dados do Inquérito à Ocupação do Tempo 1999, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística de Portugal, instrumento estatístico oficial

do país que permite uma abordagem analítica na perspectiva dos usos do tempo. Trata-se de uma investigação aplicada a uma amostra representativa da totalidade do território português. Entre as conclusões, destacamos que, apesar de uma tendência dos homens realizarem mais trabalho remunerado, a diferença entre o tempo deste tipo de trabalho entre eles e as mulheres é de cerca de apenas uma hora diária. Por outro lado, quando analisado o trabalho não remunerado, percebeu-se que as mulheres dedicam a este tipo de tarefa três horas a mais que os homens, em cada dia. Mesmo quando aplicado o filtro que busque exclusivamente homens e mulheres que exercem trabalho remunerado, esta diferença sofre poucas alterações.

Na mesma linha da pesquisa *O lazer do brasileiro*, enquanto 94% das mulheres portuguesas afirmam realizar trabalho não remunerado, apenas 59% dos homens indicam fazê-lo. Assim, o tempo de trabalho total das mulheres é superior e a diferença entre os padrões de uso deste tempo está centrada na questão da divisão do trabalho, em especial do trabalho não pago, fazendo com que as mulheres sejam confrontadas com tempos e temporalidades mais complexos, mais estruturados e mais fragmentados.

Mais complexos, na medida em que as mulheres vivem uma forte combinação de trabalho pago e não pago, bem como uma divisão pouco clara entre trabalho doméstico e de prestação de cuidados, tempo de lazer e tempo pessoal. Mais estruturados e mais fragmentados, devido à natureza cumulativa do tempo das mulheres, quer dentro das famílias, quer no mercado de trabalho (PERISTA, 2002, p.452).

Junter (2000), que afirma que os tempos femininos são, ainda, múltiplos e sobreponíveis, porque as mulheres convivem com a permanente tensão entre o desejo de desempenhar um bom trabalho e desenvolver uma carreira de sucesso e a necessidade de manterem uma distância destes, para garantirem a sobrevivência de outros espaços sociais nos quais elas gostariam de encontrar a realização pessoal.

Outro dado interessante identificado por Perista (2002), diz respeito a quem se beneficia dos trabalhos não remunerados. “Um exemplo particularmente relevante é o das tarefas relacionadas com o cuidado e tratamento da roupa: a esmagadora maioria das mulheres (quase 90%) fá-lo para si e para outrem, enquanto quase metade dos homens, quando cuida da roupa, o faz apenas para si próprio” (p.454).

Embora nosso foco não seja analisar os dados da pesquisa de forma comparativa entre os sexos, fizemos esta breve menção no sentido de provocar a reflexão acerca do uso do tempo, por ser determinante em relação aos resultados que passamos a analisar nas variáveis a seguir.

Iniciando pela idade, as participantes foram reagrupadas para análise<sup>6</sup> em 7 a 14 anos (181=14.9%), 15 a 44 anos (655=53.91%), 45 a 64 anos (278=22.88%), 65 anos ou mais (101=8.31%) e esse agrupamento procurou contemplar as principais fases da vida

<sup>6</sup> A pesquisa agrupou-as em 7 a 10 anos; 11 a 14; 15 a 24; 25 a 34; 35 a 44; 45 a 54; 55 a 64; e 65 anos ou mais.

de uma mulher. Pelas respostas, o lazer é conceituado prioritariamente<sup>7</sup> como divertimento para todas as faixas etárias, variando de 81% nas respostas das meninas de até 14 anos para 69% entre as mulheres de mais de 65 anos. O entendimento de que lazer é descanso é o segundo mais citado, aparecendo mais (25%) para as mulheres de 15 a 44 anos e menos (7%) para as meninas de 7 a 14 anos. Os dados demonstram que a idade, e com ela as responsabilidades que vão se acumulando em determinadas fases da vida da mulher, interferem na maneira de perceber o lazer. Enquanto para as mais jovens a diversão tem mais importância e o descanso menos, entre as adultas e idosas esta disparidade é menor.

As opções classificadas como “outros”<sup>8</sup> são as que mais aparecem em todas as faixas etárias, quando a questão é o que faz no tempo livre, indo de 103%<sup>9</sup> dos 7 a 14 anos a 79% para as mulheres com mais de 65 anos. A opção é a mais citada, também, para o final de semana pelas meninas de 11 a 14 anos, com 91%, antes disso, dos 7 a 10 anos, a prioridade nos finais de semana é para as atividades físico-esportivas para 100% das meninas, o que faz sentido pelo que conhecemos acerca do jogo e da infância. O *Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORTE)*, divulgado pelo Ministério do Esporte em junho de 2015<sup>10</sup>, mostra que 48% das pessoas entrevistadas afirmaram ter iniciado a prática esportiva na escola, frequentada por esta faixa etária. Um dado trazido pelo referido levantamento é que a maioria dos meninos (41,6%) iniciou antes a prática de esporte (entre 6 e 10 anos), enquanto o percentual maior entre as meninas (31,5%) afirma ter iniciado entre 11 e 14 anos. Os dados da pesquisa *O lazer do brasileiro* mostram a indicação de 155% das opções no final de semana para atividades físico-esportivas entre os meninos de 7 a 10 anos e 134% dos 11 a 14 anos. Este pode ser um dos fatores que faz com que a vivência deste tipo de interesse seja menor entre as mulheres ao longo da vida.

A partir dos 15 anos o interesse social é o mais lembrado pelas mulheres no final de semana, seguido dos classificados como “outros”, do turístico e do artístico. Apenas na faixa etária dos 55 a 64 anos 16% das mulheres voltam a dar destaque ao interesse físico-esportivo, ficando este como o quarto mais citado, o que pode estar relacionado à redução no campo das obrigações e a questões de saúde que exigem mais movimento nesta idade.

Quando a questão é o que faz nas férias, as mulheres dos 7 aos 44 anos indicam o ócio como principal atividade, seguido do turismo. Dos 44 em diante o “não sabe, não opinou” prevalece, seguido do turismo dos 45 anos aos 64 e do ócio dos 65 em diante.

<sup>7</sup> Como a pergunta foi feita de forma aberta algumas pessoas utilizaram determinados interesses como conceito, a exemplo de turismo, atividades físicas e esportivas. Os índices alcançados por estes foram baixos e não vamos nos ater a eles nesta parte da análise, uma vez que aparecerão nas demais questões.

<sup>8</sup> Foram classificadas como “outros” afazeres domésticos, cuidar/ajudar parentes, fazer compras, lavar o carro, navegar na internet, resolver problemas pessoais, assistir TV, beber, comer, assistir futebol e realizar trabalhos sociais.

<sup>9</sup> Lembramos que a pesquisa permitia que as pessoas entrevistadas mencionassem mais de uma opção, por isso o total pode ser superior a 100%.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/>, Acesso em: 29 jan. 2018.

No entanto, quando a questão é o que gostaria de fazer no tempo livre percebe-se que as opções diferem significativamente das anteriores. Entre as meninas de 7 a 14 anos há uma melhor distribuição entre os interesses, aparecendo com maior ênfase o turístico, com 34%, o que ocorre em todas as faixas etárias, seguido pelo físico com 19%, pelo social com 18% e o “nada”, por já fazer o que gostaria, com 9%. Para as faixas etárias acima desta, o turismo prevalece em destaque, com mais de 75% das indicações, sendo seguido pelo “não sabe, não opinou”.

Os motivos que impedem as mulheres de todas as idades de vivenciarem o que gostariam são a falta de recursos financeiros, com maior destaque nas férias, a falta de tempo, em especial no tempo livre em geral, seguida dos classificados como “outros”<sup>11</sup>. Poderíamos associar este resultado à preferência dada ao turismo que, da forma como foi apropriado pelo mercado tornou-se um produto com alto custo, se considerando a condição financeira da maior parte da população brasileira. No tocante ao tempo, o *Diagnóstico Nacional do Esporte, (DIESPORTE)* também identificou que 69,8% das pessoas entrevistadas apontam a falta de tempo como motivo principal da não prática de esportes e/ou atividade física.

O lazer como direito social é um paradoxo, e, por esse motivo, entendo que sua garantia pressupõe um conjunto de superações individuais e coletivas que constroem verdadeiras arenas culturais. Esses espaços de disputa simbólica, em que os conflitos não são cirurgicamente tratados, forjando uma espécie de ‘eugenia intelectual’ são fundamentais para a conquista do lazer como direito social, mas principalmente, para consolidação e o fortalecimento do processo democrático (SILVA, 2015, p. 161).

Em relação à escolaridade, agrupamos as mulheres entrevistadas em cinco níveis<sup>12</sup>. No primeiro estão as sem ensino fundamental completo. São 529, 43.54% delas (analfabetas, sabem ler sem ter frequentado a escola, não concluíram o ensino fundamental). O segundo grupo, com 249, que corresponde a 20.49% das entrevistadas, tem ensino fundamental completo ou médio incompleto. No terceiro estão 320, que correspondem a 26.34%, as quais têm ensino médio completo ou superior incompleto; no quarto 93, 7.65%, as quais têm curso superior completo; e no quinto 24, 1.97% das mulheres, concluíram pós-graduação, mestrado, doutorado ou pós-doutorado.

Independente da escolaridade, a principal definição de lazer para elas é divertimento. Em segundo lugar aparece o descanso, com a menor menção em 15% entre as mulheres que não têm ensino fundamental completo e aumentando gradativamente até 29% para as mulheres com mais escolaridade. Ou seja, quanto mais escolaridade, mais as mulheres percebem o descanso como forma de lazer, isto pode

<sup>11</sup> Neste caso foram classificadas como “outros” respostas como falta de motivação, de ânimo, de companhia, de liberação dos pais, medo de avião, questões climáticas, família não levar e afins.

<sup>12</sup> O agrupamento original da pesquisa tem mais grupos: analfabeta, lê e escreve mas não frequentou escola, fundamental incompleto, fundamental completo, médio incompleto, médio completo, superior incompleto, superior completo e pós-graduação, englobando especialização, mestrado e doutorado.

estar associado ao fato de terem que conciliar carreira, afazeres domésticos e cuidado com os filhos.

Ora, raramente sendo fácil para as mulheres corresponder plenamente a tais desempenhos (idealizados), respostas como esta parecem denunciar a existência de sentimentos de culpabilização por parte de (pelo menos) algumas mulheres, «divididas» entre as exigências do trabalho remunerado e as responsabilidades familiares, incapazes de, nem sequer ao nível da expressão do desejado, se «atreverem» a reivindicar um tempo para si próprias (PERISTA, 2002, p.471).

Em relação ao que as mulheres mais fazem no tempo livre os níveis de escolaridade apontam ênfase nas atividades classificadas pela pesquisa como “outros”. Atividades sociais aparecem em seguida, exceto entre as de nível de pós-graduação que indicam em segundo lugar o conteúdo artístico e em terceiro, com os mesmos percentuais, o turístico, o físico-esportivo, o social e o intelectual, indicando uma melhor distribuição entre os diversos interesses. Esses dados corroboram com o estudo de Pinto (2008) que destaca que o acesso ao lazer está vinculado à educação que permite identificar e vivenciar de forma voluntária e ao mesmo tempo consciente as diferentes oportunidades presentes no espaço-tempo de seu cotidiano.

Nos finais de semana as mulheres com menos escolarização tendem a indicar mais o interesse social e a categoria “outros”, seguidos do turístico e do físico-esportivo. As mulheres com nível superior ou pós-graduação indicam o social e o turístico como o que mais fazem, ficando o “outros” como terceira indicação.

Nas férias as mulheres com menos tempo de escolarização (até o ensino fundamental completo ou médio incompleto) afirmam prioritariamente ficar ociosas (37%), seguido de perto pela opção “não sabe, não opinou” (36,67%) e depois pelo turismo (21%). Mulheres com ensino médio completo e/ou superior incompleto indicam o ócio como primeira alternativa, porém seguido pelo turismo e depois pelo “não sabe, não opinou”, enquanto as com ensino superior completo e as com pós-graduação apontam o turismo em primeiro lugar, o ócio em segundo e o “não sabe, não opinou” em terceiro. O nível de escolarização aparece, novamente, diretamente relacionado ao aumento das oportunidades de vivências de lazer.

Quando questionadas sobre o que gostariam de fazer no tempo livre e nas férias, o turismo prevalece em todos os níveis de escolaridade, principalmente nas férias, quando recebe em torno de 80% das indicações, com índice mais alto entre as mulheres de menos escolaridade (97%), o que contrasta com o que afirmaram fazer. O conteúdo físico-esportivo aparece em segundo lugar para todas as mulheres na opção tempo livre e no período de férias, a segunda posição é ocupada pela categoria “não sabe, não opinou”. O que provoca esta diferença entre o que faz no tempo livre e o que gostaria de fazer, segundo a pesquisa, é a falta de recursos financeiros e de tempo. A primeira é mais citada por todas, no que diz respeito às férias, no tempo livre este quesito tem maior percentual apenas para as mulheres com menos tempo de escolaridade, provavelmente

pela condição financeira. A falta de tempo para fazer o que gostaria “no tempo livre” avança com a escolarização. É indicada por 29% das mulheres sem ensino fundamental e por 67% das mulheres com pós-graduação.

Na análise da variável raça/cor, as participantes foram agrupadas em brancas (534=43.9%), pretas e pardas (656=53%), amarelas (17=1.4%) e indígenas (8=0.6%). Como nos demais recortes, o principal conceito de lazer é o divertimento, com diferenças significativas para o descanso e pelo desenvolvimento. No caso das mulheres indígenas a proporção descanso e divertimento obteve o mesmo percentual de 50%.

Quando perguntadas sobre o que fazem no tempo livre durante a semana, as mulheres de cor branca, preta e parda indicaram, com mais de 90%, ações classificadas como “outras”. Para as de cor amarela esta opção também prevalece, porém com menos de 50% das indicações e para as indígenas o artístico se sobressai, mas há entre elas uma distribuição maior entre interesses, apontando que merecem uma análise mais aprofundada e diferenciada. Nos finais de semana as principais opções são, em primeiro lugar, o social, em segundo o “outros” e em terceiro o turismo, com exceção das de cor amarela que citam o turismo em primeiro, seguido do social e do “outros” e das indígenas que colocam o social em primeiro e o ócio em segundo. Quando a pergunta muda para o que gostaria de fazer a opção pelas atividades classificadas como “outros” cai, ficando em 17% para as mulheres de cor amarela e 5% ou menos para as demais.

O ócio é o que todas as mulheres afirmam vivenciar mais quando estão de férias, porém o percentual de mulheres que não souberam ou não opinaram a respeito do que fazem nas férias é elevado, variando entre 50% para as indígenas, 29% para as amarelas, 30% para as brancas e 31% para as pretas e pardas, sugerindo pouca vivência deste tempo como lazer, mesmo entre as mulheres que afirmam estar no mercado formal de trabalho.

Quando a pergunta é o que gostariam de fazer nas férias o turismo se destaca, aparecendo em mais de 70% para todas as raças, alcançando 82% para as mulheres de cor amarela, a seguir aparece o “não sabe, não opinou”. A preferência pelo turismo diminui quando a questão é o que gostaria de fazer no tempo livre, sendo indicada em 45% no caso das mulheres brancas, 50% nas negras, pardas e indígenas e 29% nas amarelas, ficando, ainda assim, acima dos demais interesses, exceto para as mulheres de cor amarela que indicam o conteúdo físico-esportivo (41%) como primeira preferência no tempo livre. Para as demais raças este conteúdo fica como segunda opção.

Como motivos que justificam a não realização do que gostariam, a falta de tempo e de dinheiro se sobressaem. Para todas as raças as férias são afetadas pela falta de recursos financeiros, assim como o tempo livre, para as mulheres negras, pardas e indígenas (37%). Para as brancas o tempo livre é prejudicado pela falta de tempo (42%) e para as amarelas de espaços (29%).

Chamam atenção no recorte de raça a questão indígena e a das mulheres de cor amarela pois, como vimos, apesar de tratar-se de uma pequena amostra, as respostas

seguem menos a tendência geral. As civilizações orientais se destacam historicamente por uma educação e vivência da espiritualidade diferenciadas, o que pode ser aproximado da questão indígena, guardadas as especificidades. Soares (2017) nos lembra que ler a vida cotidiana e a sabedoria indígena requer análise da autonomia cultural, ou da construção histórica da alteridade indígena para “reconhecer que o lazer é uma prática cultural da vida cotidiana, que precisa ser situada em cada tempo/espço social” (SOARES, 2017, p.18). A autora afirma que o território indígena e sua temporalidade, assim como os sujeitos que compõem a sociedade envolvente, apresentam especificidades resultantes das experiências, vivências, sentidos e significados construídos na vida cotidiana. Se temos como um marco essencial nos estudos do lazer a fragmentação do tempo, aguçada pela revolução industrial e pelo sistema capitalista, é preciso lembrar que os efeitos deste processo ainda são menores nas sociedades indígenas, o que faz com que o lazer precise ser analisado como fruto de um contexto diferenciado, como indicam os resultados da pesquisa.

Outro recorte de análise que realizamos foi o estado civil e agrupamos as participantes em solteiras (540=44.44%), casadas/união estável (532=43.79%), separadas/divorciadas (72=5.92%), viúvas (71=5.84%)<sup>13</sup>. Sobre o conceito de lazer todas as mulheres colocam o divertimento como principal entendimento, com pequeno destaque para as solteiras (79%) e em menor nível as separadas e/ou divorciadas com 71%. Em segundo lugar aparece o descanso, que é mais citado pelas mulheres casadas (25%) e menos entre as viúvas (14%). Os dados condizem com o que percebemos no dia a dia, com as mulheres mais jovens valorizando mais o divertimento e as mais atarefadas buscando, além de divertir-se, tempo para descansar.

Em relação ao que fazem no tempo livre a opção “outros” foi a mais citada durante a semana, com mais de 90% em todos os agrupamentos, este percentual cai para menos de 70% nos finais de semana e menos de 1% nas férias. As atividades físico-esportivas aparecem em segundo lugar entre as mulheres solteiras durante a semana. As demais colocam as sociais em segundo lugar. Nos finais de semana a ordem do que faz para todos os agrupamentos são atividades sociais, seguidas de “outras” e do turismo. As respostas variam mais entre os grupos quando a questão é o que faz nas férias, pois as solteiras indicam o ócio e o turismo, as casadas apontam o ócio seguido da opção “não sabe, não opinou”, o qual aparece em primeiro lugar entre as separadas e viúvas. Mayor e Isayama (2017) também chamaram atenção para o percentual de mulheres que afirmam optar pelo ócio. Apesar de sabermos que essa indicação pode representar uma escolha delas, os autores entendem que é possível tecer relações entre a ausência de instrução e as dificuldades de acesso a outras práticas de lazer, além de outros fatores como não ter com quem deixar os filhos.

---

<sup>13</sup> No banco de dados original aparecem separadas as casadas das que vivem em união estável, e as divorciadas das separadas.

Quando a pergunta é o que gostariam de fazer no tempo livre o destaque é para o turismo, seguido do físico-esportivo. Chama atenção que o mesmo “outros”, que fica em primeiro quando a questão é o que faz neste tempo, aparece em menos de 10% das menções, sendo a mais alta 8% entre as mulheres separadas e divorciadas. Em relação ao que gostariam de fazer nas férias o turismo aparece como destaque, obtendo indicações mais altas entre as mulheres separadas e divorciadas (82%) e mais baixas entre as viúvas (75%). As viúvas são também as que mais afirmam não saber ou não opinaram (17%).

Quando perguntadas sobre os motivos por não fazerem o que gostariam nas férias todos os grupos de mulheres indicaram a falta de recursos financeiros. O índice mais alto é entre as separadas e/ou divorciadas, com 76% e o mais baixo entre as viúvas com 45%. A falta de tempo vem em segundo, sendo mais indicada pelas mulheres separadas/divorciadas, 24% e menos pelas solteiras, com 16%.

Buscando entender melhor a relação da mulher com o tempo seu e para si encontramos Garcia (2015) que analisa a relação entre pais e filhos no tempo de lazer e constata que a mãe figura como chave no desenvolvimento dos filhos em termos de lazer e cultura, inclusive por ser a principal responsável pela motivação e organização do que a figura paterna faz com estas crianças no tempo livre.

Nesta mesma linha Passias, Sayer e Pepin (2017), ao analisarem os dados da sondagem American Time Use de 2003 a 2012, observaram a variação do estado civil no tempo de lazer das mães. Dividiram-nas em três grupos principais: casadas, nunca casadas e divorciadas, além de realizarem cruzamentos como renda, educação e etnia. As autoras concluíram que ser casada, divorciada ou solteira traz diferenças consideráveis nas características sócio demográficas em direções que influenciam no lazer. As que nunca casaram e as divorciadas informam mais horas de lazer no total, mas menos diversidade neste lazer, em comparação com as mulheres casadas. O lazer das solteiras apareceu concentrado em atividades passivas e não integradas socialmente o que, segundo as autoras, significa menos benefícios sociais e à saúde. Neste grupo, as negras e com menos nível educacional são as que mais acumulam tempo de lazer de forma isolada, principalmente assistindo televisão sozinhas.

No caso da pesquisa brasileira em análise, a prevalência “outros” no tempo livre e o “ócio” nas férias das solteiras pode sinalizar para esta conclusão, uma vez que os demais interesses aparecem bem abaixo. Passias, Sayer e Pepin (2017) acreditam que os resultados sugerem que as diferenças no contexto e tipo de lazer são salientes dimensões da divergência que estratifica as condições de vida dos três grupos analisados. Para as autoras, os dados sugerem que é a presença e não ausência do marido que reduz a quantidade de tempo de lazer, uma vez que esta acaba trazendo para o ambiente doméstico, mais afazeres, ao invés de sua divisão.

Quando o recorte é classe social<sup>14</sup> as participantes foram divididas em A1 e A2 (33=2.72%), B1 e B2 (403=33.17%), C1 e C2 (633=52.10%), D e E (146=12.07%). O divertimento segue como principal caracterização do lazer, aparecendo com o índice mais alto para a classe B (B1 e B2), com 81% e menor para as classes D e E, com 67%. São estes dois agrupamentos de classe que apresentam, também, o maior e o menor índice de indicações para o lazer como descanso, 25% e 16%, respectivamente. Quanto menor a classe social da mulher menos é mencionado as categorias divertimento e descanso e mais as mulheres afirmam não saber conceituar lazer.

Em relação ao que faz no tempo livre durante a semana, em todas as classes os itens classificados como “outros” prevaleceram, variando entre 103% na classe A (A1 e A2) e 85% nas D e E. Em segundo lugar aparece o social e em terceiro o físico-esportivo, exceto para a classe A, que indica mais o turístico que o físico-esportivo. No que diz respeito ao que faz nos finais de semana as indicações das classes A e B são mais tendentes ao social, seguido do turístico e de “outros”, enquanto nas classes C em diante o social também prevalece, seguido pelo “outros” e depois pelo turístico. Contrastes maiores aparecem no que as pessoas das diferentes classes sociais fazem nas férias, com o turismo aparecendo em primeiro lugar nas classes A (48%) e B (36%) e em terceiro nas classes C (23%), D e E (15%). O ócio aparece em primeiro na classe C (40%) e o “não sabe, não opinou” nas D e E (50%). É possível perceber o predomínio de interesses sociais e do ócio nas classes mais baixas e do turístico e esportivo nas mais altas, o que é justificável pela questão econômica, uma vez que as atividades sugeridas como sociais contemplam atividades em família, vizinhança com amigos e afins que, em geral, não demandam menos recursos financeiros. Chama atenção que metade das mulheres mais pobres não sabe dizer o que faz nas férias, provavelmente pelo fato de não terem férias, pelo tipo de obrigações que desempenham.

Quando a questão é o que gostariam de fazer no tempo livre o mais citado é o turismo em todas as classes, seguido das atividades físico-esportivas nas classes A, B e C. As classes D e E indicam, depois do turismo, o social (14%). Nas férias o turismo aparece em primeiro lugar em todas as classes sociais, crescendo quanto menor o poder aquisitivo: classe A = 67%, B = 78%, C = 78%, D e E = 83%. Em segundo lugar aparece o “não sabem ou não responderam”.

Quanto aos motivos para não fazer o que gostariam, tanto no tempo livre como nas férias, a classe A indica a falta de tempo, seguida de “outros” e, em terceiro lugar, a falta de recursos financeiros. Na classe B o tempo e os recursos financeiros se aproximam em primeiro lugar, ficando em terceiro o “outros”. Para as classes C, D e E a ordem é falta de dinheiro, seguida de tempo e “outros”. Analisando estes resultados

---

<sup>14</sup> No tocante às classes sociais, na pesquisa foi utilizado o Critério de classificação econômica Brasil, proposto pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (Abep), vigente em 2013, que estima o poder de compra da população brasileira. A classificação faz a divisão do mercado em classes econômicas definidas como A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E, por meio da somatória de pontos relativos à posse de itens e grau de instrução do chefe de família (Abep, 2008).

Mayor e Isayama (2017) indicam que a falta de recursos financeiros como motivo da não fruição do lazer é mais evidente entre as mulheres. A relação pode ser feita com a desigualdade salarial e com as questões de segurança, que não permitem a realização de atividades em qualquer ambiente ou hora do dia.

Tabela 3 - Motivos que impedem de fazer o que gostaria

Motivos que impedem de fazer o que gostaria	Masculino	Feminino
Tempo	35.8 %	37.2 %
Espaço/local	10.6 %	8.4 %
Saúde	4.0 %	3.5 %
Dinheiro/recursos financeiros	28.6 %	34.9 %
Outros	17.6 %	16.5 %
Nada, faz tudo o que gosta	9.1 %	6.6 %
Não sabe, não respondeu	3.8 %	2.6 %

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Elaboração dos autores

Os resultados da pesquisa mostram, ainda, que as atividades físico-esportivas não figuram entre os principais anseios para o tempo livre nas classes mais baixas, indicando que, além da questão da oferta destas opções é necessário que se invista na educação para sua valorização. Souza (2008, p. 128) afirma:

Vivemos apartados socialmente não por marcações necessariamente vistas, mas por ocupações distintas de territórios, de espaços sociais, de espaços culturais. Pobres e ricos, exceto à produção cultural artística de massa, escutam diferentes músicas, assistem a diferentes filmes, frequentam diferentes espaços culturais, diferentes equipamentos de lazer e diferentes pedaços de praias.

Na pesquisa de Passias, Sayer e Pepin (2017) também foram identificadas diferenças no estilo de vida e comportamentos como resultado em um processo de socialização baseada na classe, que premia a auto atualização, para as classes média e alta, mas recebe menos esforço e lealdade diante do ambiente econômico precário na classe trabalhadora. Indivíduos mais escolarizados, geralmente pertencentes às classes mais altas têm menos tempo de lazer, mas dedicam mais do seu orçamento para o lazer com um leque ampliado de experiências estimulantes, físicas e mentais, bem como de socialização com outras pessoas.

## Conclusões

Dedicamos nosso olhar neste artigo ao que afirmaram as mulheres a respeito do seu tempo livre na pesquisa *O lazer do brasileiro*. Cientes da possibilidade e necessidade de aprofundamento da análise, mas limitados pelo que é possível realizar no espaço de um artigo, apontamos como principais indicativos:

1. O lazer como divertimento para a maioria das mulheres, seguido da ideia de descanso.
2. O tempo livre durante a semana dedicado ao que foi classificado como "outros" - aos afazeres domésticos, cuidados, assistir televisão, a aulas, a comer e às atividades religiosas -; no final de semana às atividades sociais - refeições de caráter especial, festas diversas, visitas e conversas -; nas férias para o ócio, apesar de muitas afirmarem não saber o que fazem neste período, provavelmente por não o vivenciarem.
3. O turismo como desejo para o tempo livre e as férias, em especial das que menos afirmam vivenciá-lo.
4. A falta de recursos financeiros como principal motivo da não vivência dos conteúdos preferidos, seguida pela falta de tempo, vinculada a mais escolaridade, raças branca e amarela, estado civil separada e divorciada, das classes A e B. Isso indica que grupos sociais com mais acesso à educação, com pouca oportunidade de divisão das responsabilidades domésticas e maior poder aquisitivo sofrem menos com a falta de recursos financeiros e sentem mais a falta de tempo.

Os dados dessa pesquisa suscita, ainda, muitas análises. Se observarmos o contraste dos resultados, em todos os agrupamentos aqui analisados, entre o que as pessoas fazem e o que gostariam de fazer no tempo livre, constataremos que, apesar de terem presente o que gostariam e as indicações estarem coerentes com interesses que atualmente entendemos por lazer, o acesso é restrito, ou seja, mesmo que haja desejo e que este se faça presente pela via legal, as legislações não dão conta em garantir a concretização do lazer como direito social.

Outro aspecto a ser destacado é o de que a falta de tempo aparece como o segundo motivo que impede parte das mulheres de fazerem o que gostariam no tempo livre, ou seja, como já supúnhamos, tempo representa um elemento fundamental no bem-estar ou qualidade de vida das pessoas, mas não é homogêneo.

Chama atenção, também, a relação entre lazer e atividades físico-esportivas e nesse sentido, Isayama *et al.* (2014) lembram que a palavra lazer existe desde o século XIV, no entanto, assume novos sentidos e significados para chegar ao que é hoje. Os autores apontam que as relações entre o lazer, o esporte e as atividades físicas sempre foram presentes, ao ponto de, em alguns momentos serem tratados como sinônimos. Apesar disso, nos diversos cruzamentos realizados para analisar a questão da mulher na pesquisa *O lazer do brasileiro*, a indicação do conteúdo físico-esportivo, especialmente quando a questão é o que faz no tempo livre, é pequena. Este conteúdo tratado por

muitos estudiosos e gestores como sinônimo de lazer aparece como terceira ou mesmo quarta indicação no que as mulheres fazem no tempo livre, subindo para segundo, em alguns casos, quando a questão é o que gostaria de fazer. O Diagnóstico Nacional do Esporte, divulgado pelo Ministério do Esporte (DIESPORTE) em junho de 2015<sup>15</sup> corrobora esta percepção ao concluir que 45,9% da população brasileira é considerada sedentária, segundo dados coletados em 2013. Entre as mulheres este percentual é ainda maior, 50,4% das entrevistadas, contra 41,2% dos homens que afirmaram não ter praticado esportes ou atividade física no ano da entrevista.

Ainda em relação a esta questão, chama atenção que, apesar da pauta lazer no Brasil, em termos acadêmicos e de gestão pública, aparecer, em diversos espaços, vinculada ao campo da Educação Física, e das atividades físico-esportivas, pelos resultados desta pesquisa a relação deste é mais próxima das áreas humanas, social e turística. Dias *et al.* (2017) destacam o fato desta vinculação se diferenciar entre o Brasil e a Europa, bem como dos estudos iniciais do lazer, uma vez que ambos o tratam no campo das ciências humanas, com destaque para a sociologia. Isso certamente interfere nos rumos dos estudos do lazer no Brasil, que os aproxima da Educação Física com as Ciências da Saúde, em detrimento de suas interfaces com as ciências humanas.

## REFERÊNCIAS

BEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. **Critério de classificação econômica Brasil**. São Paulo, 2008. Disponível em: <[www.abep.org/new/Servicos/Download.aspx?id=07](http://www.abep.org/new/Servicos/Download.aspx?id=07)>. Acesso em: 28 fev. 2014.

BAHIA, M. C.; Brito, R. dos S. O lazer do Brasileiro: como é vivenciado o tempo. In: STOPPA, E. A. & ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

BARBOSA, C.; LIECHTY, T.; PEDERCINI, R. Restrições ao lazer feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres Homossexuais. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.16, n 2, junho/2013.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/> Acesso em: 29 jan. 2018.

CARRASCO, C. **Estatísticas sob suspeita**: proposta de novos indicadores com base na experiência das mulheres. São Paulo: SOF: Sempreviva Organização Feminista, 2012.

DIAS, Cleber et al. Estudos do lazer no Brasil em princípios do século XXI: panorama e perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 601-616, abr./jun. 2017.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva; Sesc, 1973.

\_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GARCIA, Pablo. **Parent-child leisure activities and cultural capital in the United Kingdom**: the gendered effects of education and social class. *ELSEVIER: Social Science Research*, 2015. p. 290-302.

ISAYAMA, Helder Ferreira et al. O esporte como alternativa de lazer: análise de experiências brasileiras. In: MARINHO, Alcyane; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (Orgs.). **Legados do esporte brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014. p. 303-330.

JUNTER, A. et al. Reorganisation of working time... Equal opportunities for men and women... Job creation... How are they linked? In: **European Commission, Gender Use of time — Three European Studies**, Luxemburgo, Office for the Official Publications of the European Communities, 2000. p. 45-76.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 2003.

MARCELLINO, Nelson C. **Políticas públicas de lazer**. Campinas: Alínea, 2008.

MAYOR, S. T. S.; ISAYAMA, H. F. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. In: STOPPA, E. A. & ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2017.

PASSIAS, Emily J.; SAYER, Liana; PEPIN, Joanna R. Who Experiences Leisure Deficits? Mothers' Marital Status and Leisure Time. **Journal of Marriage and Family**, v.79, p. 1001-1022, August 2017.

PERISTA, H. Gênero e trabalho não pago: o tempo das mulheres e o tempo dos homens. **Análise Social**, v. XXXVII, n. 163, p. 447-474, 2002.

PINTO, L. M. S. M. Lazer e educação: desafios da atualidade. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008. p. 45-61.

RUSSELL, Ruth V. **Pastimes: The context of contemporary leisure**. 4. ed. Madison MI: Sports Publishing LLC, 2009. 410 p.

SAMPAIO, T. M. V. Tecendo cultura com mediações que unem corpo, saúde e lazer. **Revista Movimento**, Porto Alegre: UFRGS, v. 12, n. 3, p. 73-96, set./ dez. 2006.

SILVA, Débora Alice Machado. O lazer como campo: desafios à concretização do direito social em um Brasil “em construção” democrática. In: GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Direito social ao lazer no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015. p.157-182.

SILVA, L. F. da; MORENO, J. C. de A.; Veraldo, K. C. Relações com o trabalho. In: STOPPA, E. A. & ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2017.

SILVA, Sílvio R. da. Apresentação. In: STOPPA, E. A. & ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2017.

SOARES, K. C. P. C. **Cultura e lazer na vida cotidiana do povo Akwê-Xerente**. (Tese de Doutorado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer. Belo Horizonte: UFMG/EEFTO, 2017.

SOUZA, F. F. Estrutura política excludente, práticas culturais normalizadoras, políticas de alívio à pobreza: o lazer em questão. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008. p. 121-137.

STOPPA, E. A. & ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2017.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudo sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UVINHA, Ricardo Ricci et al. **Leisure practices in Brazil**: a national survey on education, income, and social class. *World Leisure Journal*, 2017.

### Endereço para correspondência

Alameda da Mata, 596, Retiro do Chalé, Brumadinho, MG, CEP 35460.000.  
E-mail [cbonalum@hotmail.com](mailto:cbonalum@hotmail.com)



**Recebido em:**  
28/01/2018  
**Aprovado em:**  
11/03/2018